



A parada de domingo ou um mau acto de administração pública

O que foi a parada militar já os jornais de ontem descreveram com habitual exagero de linguagem, pondo brilho e entusiasmo onde havia apenas o natural reflexo dos botões ao sol e o acoitamento frio que o general Gomes da Costa não esperava.

O povo, que foi em grande número assistir ao espetáculo, apenas se moveu por um espírito de curiosidade bem compreensível e nunca por um sentimento político de apoio a uma situação da qual desconfia.

Temos visto entusiasmo popular que não é fictício, que representa a manifestação espontânea de sentimentos sinceros. Lembra-nos, ao acaso, uma manifestação que não se apagou ainda da nossa memória: a chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Lisboa.

Ontem havia muita gente à chegada das tropas, mas os vivas que se ergueram ao general eram frios e artificiais como o cumprimento que se dirige a uma criatura de quem se desconfia. Os vivas de ontem ao general Gomes da Costa eram uma espécie de «Olá... Passe bem...», mais dos lábios do que do coração, mais da etiqueta do que da sinceridade. A grande imprensa descreve delírios, entusiasmos formidáveis. É mentira. Todos os que lá estiveram, para ver e ouvir, e não são poucos, sabem que abundaram vivas à república e abaixo à ditadura — maneira subtil que o povo encontrou, perante a avalanche armada, de exteriorizar o seu protesto contra manobras passadas e futuras dos elementos reacionários.

Anteontem não encontrávamos utilidade prática na parada que o sr. Gomes da Costa teimou em realizar. Hoje começamos a encontrar-lhe alguma. Ela serviu para mostrar ao ilustre homem público quanto frousa é a simpatia popular pelo domínio das espadas na vida da nação.

Fizemos notar nesta folha que estas paradas, este movimento de tropas muito agradável à vista, principalmente em belos dias de sol como o de ontem, é profundamente desagradável àqueles que pensam no abalo que tais espectáculos causam à economia do país.

O movimento militar — que felizmente não custou vidas — já custou infelizmente vinte mil contos, ao que parece. Agora encontram-se aquartelados em Lisboa muitos milhares de homens, em pé de guerra, ganhando soldos e prémios de campanha que não são pequenos. E não nos parece que esta mobilização de gente, absolutamente inútil visto que o movimento está vitorioso, este luxo de tropas seja a maneira mais prática de se começar a realizar o programa de economias que os revolucionários se impuseram.

A parada foi, portanto, o primeiro acto de má administração pública dos novos governantes e demonstrou que o povo, longe de se encontrar entusiasmado com a nova situação, está, por enquanto, desconfiado.

Nota oficial da Confederação Geral do Trabalho sobre os últimos acontecimentos

A Confederação Geral do Trabalho, mantendo a posição que marcou em face dos actuais acontecimentos políticos, julga do seu dever alterar a resolução respeitante à declaração da greve geral revolucionária, votada até aqui em princípio.

Não tendo os acontecimentos determinado a execução daquela resolução, posto que parece ter sido desviada a trajetória francamente militar ditatorial; e tendo cesado as apreensões do que pode considerar a primeira fase da luta revolucionária com a realização da parada militar sem que a imposição da ditadura militar se tivesse efectuado — a C. G. T. considera que não subsiste o motivo imediato que determinou a votação da greve geral revolucionária em princípio.

A observação deste facto permite, pois, uma mudança de atitude e nestas condições a C. G. T. resolve suspender aquela resolução.

A C. G. T. observa, não obstante, que não há motivos para o proletariado desamar. Subsiste a ameaça duma ditadura, que se não é caracterizadamente militarista, não deixará de ser conservadora, retrógrada e feroz.

A C. G. T., se bem que deva ser estranha aos sistemas administrativos do governo capitalista, pondera que há vícios que são inerentes à manutenção de qualquer forma do Estado; e quaisquer que sejam os homens ou partidos que se apossem do poder, serão por este impulsionados e a sua ação será sempre determinada pelas plutocracias que dispõem de riqueza económica. Elas importam não aos governos, ditando-lhes a sua vontade em nome de interesses que são sempre antagónicos aos interesses e aspirações do povo trabalhador.

Tendo, pois, que atender às coberias da finança, do comércio, da indústria e da agricultura, nem os problemas administrativos do Estado terão solução, nem as condições económicas do proletariado se modificarão para melhor.

No terreno político e moral haverá — tudo o indica — uma sensível redução de liberdades e em certo modo a supressão de outras.

Já no decorrer dos acontecimentos se poderão verificar as tendências dos políticos que triunfaram.

Na constituição do novo governo predominará o triunvirato militar, apoiado pelos ministros militares e pelos que, sendo civis, estão identificados com a obra militarista.

As concessões já feitas às correntes reacionárias da política impostas pela força monárquico-religiosa ou pela republicano-fascista, afirmam um sensível desvio das correntes que de algum modo se afirmaram liberais em política e progressistas em educação.

E uma perspectiva suficientemente temerosa para que o proletariado não deixe de se manter em estado de permanente prevenção.

Tudo indica que dentro de pouco tempo se enveredará pelo caminho das máximas represálias e violências. As chamadas «competências técnicas» soscobrirão, sobrevirão a crítica e com a crítica o inevitável protesto das massas ludibriadas, que nem sentirão sensíveis melhorias, nem condições de sua vida económica, nem gosarão da liberdade de reclamação, que será sacrificada a uma política sectariamente nacionalista.

A raiva da impotência conduzirá os actuais detentores do poder, tal como sucedeu com os do passado, aos actos arbitrários e truculentos, como uma fatalidade irremediável...

A C. G. T. não abriga ilusões. Escudada nas lições do passado, condescendendo valer do sistema burguês, sciente do que se passa em outros países onde foram feitos

entretanto a C. G. T. conservar-se-há atenta e pronta a manifestar-se, dentro dos meios e do critério que lhe são próprios

Nenhum operário que fôr incorporado no exército deve esquecer que pertence á grande família trabalhadora

O exército é os soldados — e os soldados são o povo. Quem os comanda, quem os dirige? A sociedade. A sociedade burguesa e exploradora que os tornou escravos da disciplina que lhes anula a vontade e os torna uns autómatos nas mãos dos superiores hierárquicos. Um soldado não pertence à sua família, visto que só tem uma única família que se compõe de criaturas que vestem a mesma farda, recebem o mesmo miserável sólido e habitam a mesma caserna.

Mas o soldado não deve matar o homem. Embora a disciplina lho ordene e os seus superiores em nome dessa disciplina o forcem a obedecer. E o homem não pode abstrair-se da classe a que pertence, da família com quem está aparentado e conseguentemente nunca deve apontar a sua espingarda nem contra seu pai, nem contra seus amigos companheiros de trabalho. Quando entrou na caserna tinha uma profissão, tinha uma família, quando a deixar regressará à família a que pertence e à officina em que trabalhava.

Ser soldado — só apenas 6 meses ou um ano no decurso da existência. Ser homem é toda a existência, menos esse curto e humilde lapso de tempo.

Que pregamos nós ao soldado, neste momento? Nada. A esse pobre ser que se deixou anular pela disciplina nada podemos dizer porque nada talvez saberia compreender. Mas ao operário fardado, àquele que ainda se recorda do trabalho que desempenhava na vida civil, na vida produtiva, àquele que vai agora ser incorporado, lembramo-lhe que nunca deve atacar os seus irmãos de sofrimento, aqueles que constituem a sua única, a sua grande família: a dos trabalhadores, que são a maior, a única fonte de riqueza universal e que mourem sem outro lucro do que a miséria, sem outra compensação que a edificarem o bem estar dum minoria inútil e nefasta e privilegiada que vive à sua custa e do seu esforço cínicamente exploradores, o tirano e os desgraçados.

Que os recrutas que dentro em breve vão trocar a sua ferramenta pela espingarda, a sua blusa de trabalho pela farda de soldado saibam que pertencem à grande família trabalhadora. E quem lhes disser o contrário mente — e mente para defesa dumha sociedade que cria os banqueiros, os exploradores, o tirano e os desgraçados.

NOTAS & COMENTARIOS

Esmorecimento

A época perdeu já o ar altaneiro que assumiu quando se exprimia ácera dos últimos acontecimentos revolucionários. O seu entusiasmo já é menor.

Isto corrobora o que nós dissemos sobre a tentativa de implantação da monarquia que estava premeditada na semana transata. Batidos na primeira arremetida, os reacionários resolveram mudar de tática. Em vez de atacar de frente, vão emboscarse: largam as estradas rectas e preparam-se para seguir por caminhos tortuosos. A desordem e mesmo o antagonismo mantêm-se, com as ambições que são inerentes à posse da riqueza particular, de empresas ou de indivíduos.

A C. G. T. ousa afirmar que a representação por classes dentro do parlamento não anula nem sequer atenua os efeitos da concorrência de interesses determinada pela liberalização económica que o Estado pretende manter em equilíbrio. A desordem e mesmo o antagonismo mantêm-se, com as ambições que são inerentes à posse da riqueza particular, de empresas ou de indivíduos.

A C. G. T. ousa afirmar que a representação por classes só tem uma razão lógica dentro do sindicalismo, como resultado social que é da evolução industrial.

O sindicalismo — organização e movimento operários resultante da luta de classes sociais dentro do sistema capitalista — compõe o princípio geral da organização dumha sociedade livre em que as classes, estando representadas sob base industrial, atendem a todas as necessidades gerais da sociedade.

A homogeneidade que actualmente constitui a base orgânico-moral do sindicalismo, resultante da igualdade de interesses, será a mesma que subsistirá amanhã numa sociedade em que predominar a igualdade moral e económica em relação ao direito de satisfação de todas as necessidades inerentes à vida humana.

A representação das classes no futuro parlamento, constitue, pois, mais uma ficção destinada a iludir os ignorantes ou desprevidos, ficção tanto o mais mentirosa do que a antiga representação das ordens que me forei a dadas.

Não é preciso fazer comentários...

Uma agressão... política

O sr. Ferreira do Amaral que foi durante muito tempo, devido aos excessos e violências que a polícia cometeu sob o seu comando, uma espécie de ídolo dos monárquicos, já ontem era agredido pelo Correio de Manhã. Pois não, a pesar de termos reconhecido que o sr. Ferreira do Amaral teve uma ação importante e até certo ponto simpática neste último movimento, não esquecemos que ele é partidário das deportações — crime de lesa humanidade que empurhou a Constituição da República Arrendamento deplorável

Publicou, durante o período revolucionário, o Diário de Lisboa uma carta aberta ao general Primo de Rivera, escrita nos termos mais correctos e respeitosos. O seu sinatário, o subtílio espanhol sr. Frederico Sánchez chamava a atenção do ditador militar do seu país para os escândalos, bastante importantes e graves, que se têm ultimamente produzido nos conventos pedindo-lhe que procedesse, para com os seus autores, dentro do espírito das leis que condamnam o assassinato e o roubo. O mesmo jornal afirmava ontem o seu arrendamento pela publicação daquele documento

contra tudo que represente tirania ou simples falta de consideração pelas liberdades adquiridas e pelas quais os trabalhadores têm vertido vitoriosamente o seu sangue.

Lisboa, 7 de Junho de 1925.

A C. G. T.

Todos devem ir ao comício que amanhã se realiza no parque Eduardo VII

O Comité de Defesa Proletária vai promover amanhã um comício público para apreciar a actual situação política.

Neste momento em que os destinos do povo ainda estão incertos e que a actual situação ainda não encerrou por um caminho definido, entendemos que todo o povo de Lisboa deve atender ao apelo do Comité de Defesa Proletária que publicamos a seguir:

Promovido pelo Comité de Defesa Proletária, representativo de todas as forças operárias de Lisboa, unificadas num mesmo desejo de defesa em face da ameaça dumha ditadura militar e reaccionária, que pesa sobre o país, realiza-se amanhã, pelas 17 horas, no Parque Eduardo VII, um comício público, em que o povo de Lisboa vai mais uma vez afirmar o seu nunca desmentido espírito de liberdade, que tantas vitimas até há bem pouco tempo da ditadura do partido democrático, que tanto dano causou aos proletários, devemos afirmar a nossa formal disposição de, como trabalhadores, não permitirmos a imposição dumha ditadura ainda mais feroz e criminosa, pela sua característica especial de casta.

O Comité de Defesa-Proletária faz distribuir amanhã um manifesto convocando o povo de Lisboa ao comício em defesa das liberdades públicas. Ao comício, pois, vamos!

Neste momento em que, mais do que nunca, perigam as liberdades e regalias que, embora poucas, embora, em face de humanos e legítimos direitos, têm sido conquistadas até hoje a custa do duro sacrifício do sangue e da vida dos trabalhadores, não pode o povo de Lisboa deixar de acorrer em massa ao comício que se realiza amanhã.

O Comité de Defesa-Proletária, ao promover a realização deste comício, está encorajado por um caminho definido, entendemos que todo o povo de Lisboa deve atender ao apelo do Comité de Defesa Proletária que publicamos a seguir:

Vítimas até há bem pouco tempo da ditadura do partido democrático, que tanto dano causou aos proletários, devemos afirmar a nossa formal disposição de, como trabalhadores, não permitirmos a imposição dumha ditadura ainda mais feroz e criminosa, pela sua característica especial de casta.

O Comité de Defesa-Proletária faz distribuir amanhã um manifesto convocando o povo de Lisboa ao comício em defesa das liberdades públicas. Ao comício, pois, vamos!

ECOS DO MOVIMENTO MILITAR

Tomaram posse os ministros da Guerra, Colônias, Agricultura e Marinha — Algumas das suas afirmações

Interessantes opiniões dos generais acerca da governação pública

O Diário de Lisboa, que marcou um primeiro lugar na reportagem dos últimos acontecimentos, referia ontem algumas opiniões interessantes dos generais que se colocaram à frente da governação pública, a fim de substituir os políticos. Atendendo à boa fonte de informação, não hesitamos em reproduzir as opiniões dos generais, que certamente devem impressionar o povo português.

Ontem tomou posse o ministro da guerra. De como decorreu essa cerimónia se pode avaliar do que a seguir transcrevemos do campeão das reportagens:

O general Gomes da Costa entrou no seu gabinete, para sair pouco depois. Os oficiais esperavam-no, para o acompanhar ao ministério das Colónias, onde se realizou a segunda posse. Como visse uma secretaria coberta de «kepis» gritou sorrindo: «Conto com a absoluta e leal colaboração dos funcionários desse ministério, por quem algumas vezes fui mal tratado! Maior tratado, sim! Não retorno nem uma palavra! Pelos funcionários das colónias farei absolutamente tudo para lhes minorar a situação de miséria em que se encontram, dando-lhes o suficiente para que eles não tenham que recorrer a outros empregos para poderem manter-se. Mas se amanhã faltarem ao cumprimento dos seus deveres vão logo para a rua! Estamos todos envolvidos numa grande batalha em que é preciso trabalhar muito e com lealdade absoluta para bem servirmos o regime! Estamos todos entendidos, meus senhores. Agora vamos trabalhar! E obrigado pelo apoio e lealdade absoluta que me ofereceram!»

Depois, um episódio comovente. Falando ao almirante Gago Coutinho, disse o general:

— Não sei se falei com clareza, almirante. Você é um mestre, tem um grande nome. Peço-lhe que, no dia em que começar a falar asneiras, me diga. Dou-lhe a minha sincera palavra de honra que me von imediatamente embora! Só assim é que sei falar!

Este frase provocou entusiasmo. O tenente Pereira do Carvalho aproximou-se, então, do general, para o cumprimentar. Um grande abraço e uma frase do já ministro da Guerra:

— Este «gajo» é que fez a revolução.

Ao assinar o termo de posse, o general Gomes da Costa recusou a caneta que lhe ofereciam, alegando:

— Esta caneta é muito fina e aparo tem os bicos partidos. Não me serve. Nada de coisas pequenas. Gosto de canetas grossas!

Na posse do ministro da Agricultura, general Alves Pedrosa, as afirmações não foram menos solenes. E o Diário de Lisboa, que todo o público reconhece como o campeão das notícias acerás do movimento militar, que todo o público reconhece como o campeão das notícias acerás do movimento militar, que todo o público reconhece como o campeão das notícias acerás do movimento militar, que todo o público reconhece como o campeão das notícias acerás do movimento militar,

— Vai tomar posse da pasta da agricultura, o general Alves Pedrosa, também foi muito solene. Assisiram várias personalidades das mais importantes. Também lá estiveram as forças vivas, a prometerem desinteressado apoio ao sr. general. O comandante Cabecadas assim recomenda o novo ministro:

— Vai tomar posse da pasta da agricultura, o general Alves Pedrosa. Quiz-s, exactamente encarregado bastante honroso para o governo. O general Alves Pedrosa não é um técnico, na agricultura. Mas são garantias de boa administração o seu patriotismo posto ao serviço da lavoura e a aceitação de todas as indicações dos técnicos, que vise a defender os interesses do país.

O sr. Roque da Silveira também prometeu a colaboração de todo o funcionalismo ao novo titular da pasta. Este personagem também

não traduz senão o desejo de meia dúzia de filhos dos engenheiros alvajados. Este Sindicato tem 3.500 filiados e representa a vontade da classe, aceitando em qualquer campo a contestação, mesmo o plebiscito a todo o pessoal.

Ontem, foi entregue no ministério do Comércio pelo Sindicato, o relatório sobre os factos ocorridos no Barreiro e a atitude dos elementos agora afastados.

Protestamos também contra a suspensão imposta aos engenheiros que não acompanharam Plínio da Silva e por parte do pessoal será oposta toda a resistência à permanência de outros engenheiros nos serviços de Tracção, Oficinas, etc., que não sejam os que lá estiveram na ocasião em que terminou o movimento.

O presidente da República vai ser nomeado pelo governo

Correm boatos em volta da presidência da República. Parece que se pensa muito no general Gomes da Costa e a imprensa conservadora apoia unicamente esta candidatura, que, aliás, está sendo imposta pelos oficiais que participaram da revolta. Razões ponderosas ao critério desses oficiais impediram que eles manifestassem de maneira categórica a sua vontade. E ficou-se a resolver sobre a forma mais jurídica de, neste momento, se escolher e fazer nomear o novo chefe do Estado.

Como o poder executivo está investido nas funções do legislativo e atendendo a que uma eleição directa seria demorada, pensa-se em que seja o próprio ministro quem escolha, por unanimidade, o nome do general Gomes da Costa para o cargo de Presidente provisório da República, enquanto se não realizam eleições.

O Exército, embora veja sem desagrado a permanência do comandante Cabeçadas à frente do governo, não resina o seu critério de elevar-se à presidência da República o general Gomes da Costa.

Várias notas

A volta da pasta das finanças tem havido mta, tal como nos tempos nefastos da política, indigando-se os nomes dos srs. Santos Viegas e Sinel de Cordeis.

* * *

O capitão Jaime Baptista já tomou o comando do 1.º grupo de Metralhadoras. Vai ficar completamente reconstituído o batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, assumindo o comando o tenente-coronel Raúl Esteves.

* * *

Diz-se que o general Gomes da Costa pensa propor ao conselho de ministros, que hoje se realiza em Belém, o nome do comandante Armando Ochoa para governador da Índia.

* * *

Fala-se ontem na substituição dos ministros da República junto da Inglaterra e da Espanha. As nomeações que se fizerem esclarecerão a opinião pública acerca das intenções do actual ministro, se outros factos não o fizerem antecipadamente.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Lima" da Empresa Instalada de Navegação só hoje expedidas malas postais para as ilhas da Madeira e Açores, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência às 7 horas, mas do Cais de Santos recebe-se correspondência até às 9 horas mediante o pagamento da sobretaxa de 2 centavos por objecto.

Também por via Marcial se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 13.30.

Até à primeira...

PARIS, 7.—As notícias recebidas da Síria, em seguida ao avanço das tropas francesas no Djebel Druse, dão testemunho das hostilidades das tribus que acabam de colocar sob a protecção da França. (H.)

Feira de Santo António

Prometem revestir-se de uma desusa animação as festas que o pessoal dos Armazéns Grandela promove nos dias 12, 13 e 14 do corrente no terraço Bragança, junto à Companhia do Gás.

Além de bem organizados bailes campesinos com uma frequência escolhida, de uma boa música, de numerosos e interessantes jogos desportivos, de uma interessante corrida de porcos e de muitos outros atrações, a situação do recinto é um esmerado e económico serviço de bufete convidam bem a ir assistir ao interessante festival, cuja entrada só custa um escudo, que é o preço dos bilhetes que se encontram à venda nas secções dos Armazéns Grandela.

Um governo com 3 ministros

STOCKOLMO, 6.—O novo governo compõe-se da seguinte maneira: Presidência e Finanças, Blom; Estrangeiros, Löfgren, Defesa Nacional, Rosen. (H.)

Um governo que se vai

TEHERAN, 7.—O governo apresentou a sua demissão, tendo sido encarregado de constituir o novo governo o sr. Mustafa-Hamaté. (H.)

Série recuperável

OTTAWA, 7.—Foi preso um indivíduo acusado de tomar parte na difusão de notícias falsas inglesas. (H.)

TEATRO NACIONAL

HOJE, 8

A 4.ª récita de assinatura, com a 1.ª representação da comédia em 3 actos de Venesiani, trágico de Mário Duarte:

O

ANTEPASSADO

Nos principais papéis os artistas: Luis Pinto, António Pinheiro, Ribeiro Lopes, Maria Pia, Alice Ogando, Albertina de Oliveira, Emilia Fernandes e Salvador. Encenação do professor ANTONIO PINHEIRO

EM PORTIMÃO

A guarda republicana soou bárbaramente um inofensivo trabalhador

PORTIMÃO, 5.—E' com verdadeira indignação que lançamos mão da pena para, mais uma vez, verberar actos praticados por soldados da G. N. R. na pessoa de operários honestos. Relatemos: no p. dia 3, vários operários estivadores, andando em passeio, dirigiram-se a um café que existe na praia ria onde se encontra o posto da G. N. R.

Este café tem como porteiro um indivíduo que dá pelo nome de Manuel do café, criatura que até hoje não experimentou as agravas do trabalho, pois que só do jôgo e da prostituição tem vivido.

Os citos operários com maneiras delicadas pediram ao porteiro do café, que os deixasse entrar, pois tomariam um café e saíram; não compreende assim o Manuel do café, pois que, com termos grosseiros, respondeu aos indivíduos em questão, fechando a porta bruscamente e estalando a mão ao estivador Manuel dos Santos.

Como os companheiros deste protestam indignados com o gesto de Manuel do café, este correu ao balcão e trazendo um enorme faca de cozinhar ameaçou os ditos operários.

Como se estabelecesse discussão, compareceram algumas praças da G. N. R. que levados por um ódio antigo que votam aos operários estivadores, não se informaram de que havia passado e deram voz de prisão a um operário estivador de nome José Francisco. A caminho do posto vários guardas ameaçaram o ditto operário; este como soubesse que o posto da G. N. R. é uma sucursal da Inquisição e como pelo caminho José seco se espalhado por alguns guardas, disse que não ia para o posto, sem que previamente lhe examinassem o corpo; de nadi lhe valer tal altitude, pois que arrastado pelas feras fardadas foi conduzido para o posto onde de uma maneira selvagem o espalharam.

Nos espalhamentos evidenciou-se pelos seus instintos cruéis um guarda de nome Abel. Várias pessoas que ouviram os gritos do preso, chicas de indignação protestaram, sendo corridas por vários guardas que de sobre em riste a todos ameaçavam. Ao José Francisco foi feito um processo pelos guardas, onde, como principal testemunha o Manuel do café.

O dr. Juiz desta comarca ao ser-lhe entregue o preso, como visse o lastimoso estado em que este tinha o corpo requereu um exame médico legal ao arguido.

Agora, para finalizar, cabe-nos perguntar o seguinte: Em que código ou em que lei se baseiam os guardas, para depois de espancamento moverem processo aos agredidos? Seria bom que arrepiassem caminho, para que no futuro não haja complicações. —C.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções, semelhantes, só dão a 15\$00. Concentram-se dentáduras em 4 horas a 20\$00. Dentáduras completas sem placa em «cauchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

A situação no Egito

CAIRO, 7.—Os jornais árabes mostram-se favoráveis à deliberação tomada por Zaghloul Pachá, renunciando ao cargo de primeiro ministro, a favor de Adly Pachá. Espera-se que este último organize rapidamente seu gabinete e o Parlamento seja convocado para 11 a 15 do corrente. —(L.)

Presidente da Polónia

VARSOVIA, 6.—O sr. Mosirski, novo presidente da república, prestou juramento no antigo palácio real, hoje residência do presidente, e não no Parlamento, como se esperava. Toda a cidade embandeirou festivamente em honra do novo presidente. —(L.)

Muito sérios, muito honestos estes senhores...

Vão começar os banhos às crianças na Cruz Quebrada

Encontram-se já inspecionadas 4.154 crianças das 10.000 que devem este ano tomar banhos gratuitamente na Cruz Quebrada, devido à iniciativa do vereador sr. Alexandre Ferreira.

Os banhos iniciam-se a 14 do corrente mês, sendo a petizada conduzida gratuitamente em carros eléctricos para o Fundão e dali em caminhões para a Cruz Quebrada.

Depois dos banhos serão todos os dias fornecido almoço às crianças e aos dominigos e no último dia em que tomam banho ser-lhes-lá oferecido jantar.

O primeiro grupo que tomará banho durante 15 dias será constituído por 1.500 crianças.

O fato serão também fornecidos pela Câmara.

Já se começou a instalação das barracas e de aparelhos para diversões na colónia balnear.

Os donativos para tão bela obra de Assistência, que tem recebido os mais entusiásticos aplausos por parte de todas as pessoas dotadas de coração, atinge uma quantia avultada.

A toponímia da cidade

Na sessão de ontem da Câmara Municipal de Lisboa resolviu-se que a travessa de São Domingos passe a denominar-se Rua de Barros Queirós e a rua n.º 3 à rua Correia Teles, à Campo de Ourique, passe a ter o nome de rua Azevedo Gómez; ao Parque da Alameda da Luz se deu a denominação de Parque Teixeira Rebello.

Teatro da Trindade
HOJE HOJE
A ALEGRE COMÉDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

nos principais papéis
LUCILIA SIMÕES,
ERICO BRAÇA, J. ALMADA,
AMÉLIA PEREIRA

e SAMUEL DINIS

Os leprosos de Coimbra condenados ao abandono

Os leprosos estão condenados em Coimbra a um abandono deplorável. Deplorável e revoltante. Não há direito de proceder para com aqueles infelizes da maneira como se está procedendo. Basta invocar os mais rudimentares princípios de humanidade para se reconhecer que, se a um leproso está para sempre vedada a alegria de viver, não pode nem deve a sociedade atrair-lhos para um abandono sinistro manifestando por elas uma indiferença e uma repulsa dignas dos tempos medievais.

Escrivemos-nos os leprosos do hospital de São Lázaro em Coimbra uma carta cheia de expressões dolorosas e de alittivas queixas. O director dos Hospitais da Universidade de Coimbra mandou-lhes ultimamente cortar o fornecimento de algodão—o algodão que lhes é absolutamente indispensável.

Há doentes que dão entrada na enfermaria e saem com alta sem ao menos terem visto um médico!

Os leprosos estão até abandonados pelos próprios médicos. Na carta que nos enviam patenteiam uma resolução desesperada: evadirem-se do hospital e virem para as ruas de Coimbra pedir esmola.

Não haverá um pouco de coragem nas pessoas de quem depende a sorte dos leprosos?

Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado e seguiu para casa Joaquim Antunes, 40 anos, carpinteiro, natural residente em Almada e que ali foi colhido por um ferro, ficando ferido na mão esquerda.

No Banco do hospital de São José receberam curativo e recolheram-a casa: Adelino Pereira Gonçalves, 16 anos, soldador, rua das Fontainhas, 66, que na Fábrica de Conservas da rua Bartolomeu Dias foi colhido por um balde, ficando ferido na mão esquerda; Jorge Pinto, 12 anos, de Lisboa, deourado, calçada de Santo André, 52, 5.º, que quando na mesma rua lançava fogo a um foguete de artifício, este explodiu inesperadamente, ficando muito queimado nas mãos; Antero Servo, 34 anos, de Marvão, trabalhador da C. P., da Amadora, e residente no Cacém, e que ali ficou com a mão esquerda entalada entre um vagão e um carril, ficando com um dedo esmagado; Mário dos Santos, 33 anos, «chauffeur», travessa do Conde, à Lapa, 17, 3.º, que no Café Abadia, na avenida da Liberdade, foi agredido com uma garrafa, ficando ferido na cabeça; Cipriano Nogueira, 32 anos, de Coimbra, trabalhador rural, que em São Bartolomeu da Charneca foi agredido a paulada, ficando ferido na cabeça.

Patifarias dum senhorio

Procuremos ontem os operários metalúrgicos das oficinas da C. P. Benjamin Pedro e Joaquim de Almeida Albuquerque, a pedir-nos que tornemos público o seu alarme pelo desaparecimento do seu camarada de trabalho Jaime Coelho, que sabiam ter por guarda as escavações da barreira da Penha de França que há dias abateu, tendo fundadas razões para suspeitarem de que ele tenha ficado soterrado, visto que precisamente desde esse dia ninguém mais o viu.

Para este caso chamam as atenções das entidades encarregadas da remoção dos escombros.

Um telegrama enigmático

CAIRO, 7.—Reina uma certa inquietação sobre a artilleria dos partidários de Zaghloul Pachá, e as autoridades inglesas tomam disposições para evitar perturbações entre os elementos nacionalistas. —(H.)

Violento abalo sísmico

WASHINGTON, 7.—O sismógrafo do Observatório da Universidade de Gergentown registrou um violento abalo sísmico que durou três horas e cujo epicentro se encontrava a uma distância de aproximadamente 10.000 quilómetros de distância do sul. —(L.)

Para se avaliar da coerência deste proprietário bastará que se saiba que ele cobra de cada um dos seus inquilinos 160 escudos e deu para a matriz predial a renda de 160 escudos, para 60; mas em seguida iniciou uma série de violências, ofendendo-o por palavras e terminando por o processar por presumíveis palavras ofensivas.

Para evitar escenas mais desagradáveis o inquilino abandonou a moradia enquanto que o senhorio se gaba de ter tais influências na Boa Hora que a condenação da sua vítima será fatal.

Para se avaliar da coerência deste proprietário bastará que se saiba que ele cobra de cada um dos seus inquilinos 160 escudos e deu para a matriz predial a renda de 160 escudos.

Muito sérios, muito honestos estes senhores...

SOLIDARIEDADE

Realiza-se no dia 3 de Julho próximo, no salão de festas da Construção Civil, uma festa de solidariedade às famílias de José dos Santos e Cristovam Pinheiro, desempenhando-se o drama «A Ceia dos Pobres» e um curto acto dramático, a cargo do grupo Solidariedade Operária. O grupo Pioneiros do Fado toma a seu cargo diversos números da canção nacional e um grupo musical também dará o seu concerto. Bilhetes à venda na sede do Núcleo Juventude Sindicalista, calçada do Combro.

O fato serão também fornecidos pela Câmara.

Já se começou a instalação das barracas e de aparelhos para diversões na colónia balnear.

Os donativos para tão bela obra de Assistência, que tem recebido os mais entusiásticos aplausos por parte de todas as pessoas dotadas de coração, atinge uma quantia avultada.

Assinar
“Os Mistérios do Povo”

TIVOLI
Douglas Fairbanks
EM
Robin dos Bosques

A sua obra prima

Duas cine-fálgas — Uma cine-revista

TEATRO AVENIDA Telef. N. 4356

HOSEB-N. 21.3

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Apolo

«O Otelo», de Shakespeare

Tardivamente venho fazer referência à representação do «Otelo», que Rafael Marques escolheu para a sua festa artística. Uma longa interrupção dos espetáculos, ainda mais atrasou a nossa apreciação, que tem agora lugar com a saudade que enviamos ao ilustre actor. Rafael Marques é hoje um dos melhores valores do teatro português contemporâneo. A sua inteligência, a sua admirável pertinácia deram-lhe esse lugar e é tal forma, que se sente que o seu nome não pode já deixar de figurar em certos elencos de boas companhias de declamação. Rafael Marques não é um artista de valor simplesmente por intuição, é mais do que isso; é um comedianta cuja ilustração e talento lhe permitem ascender, conscientemente, a alturas que a muitíssimos estão vedadas. Rafael Marques tem triunfado, à custa de trabalho, de esforço, mas também, incontestavelmente, à custa da inteligência que lhe dá ensejo a saber o quilate dos papéis que interpreta. Fazendo agora o protagonismo do drama de Shakespeare, abanhou-se a muito, mas as suas aptidões deram-lhe ensejo a que o seu trabalho fosse correctíssimo e acertado. Teve, mesmo, momentos notáveis.

Abilho Alves disse bem. Irene Gomes foi uma deliciosa Desdemona, cheia de ternura e de bondade. Octávio Bramão, bem. Os outros artistas bastante diligentes. O trabalho de encenação, a scenografia, como raras vezes temos visto entre nós. Bastaria isto para tornar notável a exibição de «Otelo».

Nogueira de BRITO

No Gimnásio

Reposição de «O célebre Pina»

O Célebre Pina é uma engracadíssima comédia que em Portugal foi criada, no protagonista, pelo actor Joaquim Prata. Foi notável a sua interpretação. Bem andou a nova direcção artística do Teatro Gimnásio em reconduzindo-lo.

Disse-se tudo o que se poderia dizer do seu trabalho, escusado, pois, redigir afirmações. Também o actor Augusto Machado desaparece nesta peça. O seu trabalho é bastante apreciável e conscientioso. De novo em papéis principais temos Otelo de Carvalho e Isilda de Vasconcelos. A correção destes dois artistas continua a impôr-lhes a consideração do público. São dois bons elementos com que a Companhia do Gimnásio inesperadamente conta. A direcção artística de Carlos Santos proficiente, como é costume, no distinto artista.

N. de B.

Na Liga Naval

Audição dos alunos de Simas Guittana
Não conhecia a professora Simas Guittana que fez agora uma audição de algumas das suas alunas. Da sua competência ficamos conhecendo pela forma brilhante como tocou ao piano o segundo concerto de Rubinstein e um nocturno de Chopin.

Esta audição, que encantou bastante, veio demonstrar-nos o aproveitamento que os seus discípulos tiram das lições que a professora Ihes dá.

Há na verdade entre esses pequenos pianistas, alguns que dão boas esperanças. O cuidado inunciioso, com que alguns tocaram, a expressão, até, que alguns puseram nos trechos que lhes foram confiados, são o melhor elogio que se pode fazer de Mademoiselle Simas Guittana, que ouviu entusiásticos aplausos.

Uma aluna da óptima escola de canto do professor Artur Trindade, D. Ester Buttiwiller, cantou, acompanhada por D. Aida de Sousa, o vissi d'arte, da Tosca, e a canção Amores, amores, de Viana da Mota.

Todas as pessoas que assistiram a esta audição dos alunos de Mademoiselle Simas Guittana, trouxeram dele as melhores impressões.

Nogueira de BRITO

Reclames

Continuam decorrendo animadíssimos os espetáculos de verão, no Gimnásio, onde hoje se inauguraram as récitas da moda. A peça que vai à cena é «O célebre Pina», uma farça de permanente gargalhada, em que, para se fazer rir, se não recorre às inconveniências. A ação da peça «O célebre Pina» é extraordinariamente animada, passando-se o 3.º acto a bordo do vapor «Minho» onde ocorrem as mais graciosas peripécias.

A companhia do Apolo, sob a direcção artística de Rafael Marques, ensaiou para nos dar amanhã a peça «O santo António», original de Braz Martins. A peça é desempenhada por toda a companhia do teatro, e posta em cena com todo o rigor e aparato. A peça de Braz Martins tem agora, por ocasião das festas ao Santo António, uma grande actualidade.

‘A Batalha’ na província e arradoras

Ferreira do Alentejo
Receando a organização sindical dos trabalhadores

FERREIRA DO ALENTEJO, 6 — Ultimamente têm sido distribuídos entre a classe trabalhadora inúmeros folhetos de propaganda sindical, que os trabalhadores têm comentado favoravelmente.

Os trabalhos de propaganda pró-organização rural continuam activamente, notadamente grande interesse da parte dos trabalhadores rurais e operários, em ingressar na sua associação; porém a burguesia local não vê com bons olhos a propaganda consciente e sá, que vem sendo feita entre os trabalhadores, vítimas da sua desmedida misericórdia.

Não lhe agrada a constituição dumha Associação Operária, porque ela desvia os produtores do pésimo ambiente da taberna, onde, além de arruinarem o corpo, pervertem o espírito.

A todos aqueles que possuem o supérfluo para viver, amontoado à custa da miséria alheia, desagrada-lhes que se pretenda instruir os trabalhadores, so lhes convém que eles permanegam num estado de ignorância e obscurantismo (como actualmente a maioria se encontra) ao ponto de não possuirem ação e conhecimento para reclamar o que de direito lhes pertence.

E assim, estes exploradores do povo, possuidos dumha extrema má fé, propõem

A BATALHA

DIÁRIO SINDICALISTA

5-3-1931

tendenciosas calúnias, afim de desmoralizar o favorável ambiente que existe entre os trabalhadores pró-Associação.

Tal é a estupidez destes «senhores» que dizem que se pretende fazer uma Associação de bolchevistas, como se o bolchevismo fosse ideal de Justiça e Liberdade. Todos os processos que empreguem, por mais baixos e vis que sejam, não farão desmanhar os camaradas que se propuseram organizar os trabalhadores desta vila.

O caixeirato e a sua organizaçāo

O caixeirato, que possui um pequeno núcleo associativo, encontra-se completamente dominado pelo patronato. Basta dizer que trabalham doze horas e outros ainda mais; porém não pensam em opor-se à violação de que são vítimas.

Os corpos gerentes da associação de classes também não cuidam em organizar-a convenientemente, afim de que a saiba importar-se à ganância patronal.

O movimento militar

A notícia do triunfo da ditadura militar só causou entusiasmo aos reactionários, que dizem ser necessário um governo forte e energético, que meta os trabalhadores na ordem; pois trabalham pouco e ganham muito.

Que ironia! Os que nunca produziram austeras normas de trabalho pouco, como se não fosse suficiente mantermos-los em constante ociosidade!

Que tutufos!

Quando é que os trabalhadores se resolverão a acabar com semelhante estado de coisas?

Uma vingança

Fomos agora informados de que o camarada Américo Vilar, que aqui tem desenvolvido uma activa propaganda pro-organização rural, foi despedido da fábrica de moagem, onde se encontrava trabalhando.

São estes os infames processos usados pelos caciques cá do burgo, afim de intimidar os bons elementos que pretendem organizar os trabalhadores. E...

‘A BATALHA’ no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	3	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,12
T.	1	8	15	22	Desaparece às 20,00
Q.	2	9	16	23	30 FASES DA LUA
Q.	3	10	17	24	1.º C. dia 27 às 11,40
S.	4	11	18	25	Q.M. * 5 * 3,15
S.	5	12	19	26	L.N. * 11 * 22,55

MARES DE HOJE

Fraianas às 1,14 e às 1,37

Baixamar às 6,44 e às 7,07

CAMBIOS

Paises | Compra | Venda

Sobre Londres, cheque	—
Madrid, cheque...	295
Paris, cheque...	62
Suiça, ...	378,5
Bruxelas, cheque	62
New-York, *	1935
Amsterdão, *	757
Itália, cheque ...	75
Brasil, ...	300
Praga, ...	58
Suecia, cheque	522
Austria, cheque	277
Berlim, ...	467

ESPECTÁCULOS

Teatros.—As 21—O Antepassado.

São Luis.—As 21, 30—A Princesa dos Dollars.

Pólo.—As 21—Variades.

Trindade.—As 21,30—O homem das 5 horas.

Eden—As 20,45 e 22,45—Fox-Trot.

Coliseu—As 21—O Rei das Flores.

Rivoli—As 21,25—O Pão de Ló.

Maria Vitoria—As 20,30,22,30—Foot-Ball.

Sólo 305—As 21—Variades.

Cinema Eli Vilela (à Graça)—Espectáculos às 21,22,23 e domingos com matinées.

Ideias—Parque—Todas as noites. Concertos : di- versas.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-

rassé—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Torreiro—Cine Paris.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicado mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.

—R. dos Retirozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

PAPELARIA VIÚVA MARQUES
(Viúva de Manuel da Costa Marques & C. Limit.)
Variadíssimo sortimento de artigos para escritório
Telefone: C. 2676

Rua do Ouro, 36—Lisboa

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSÍVEL AOS RICOS**
**A Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs**
PROLETARIZOU-O

**Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o
taxis “Citroën” (palhinha amarela) a qualquer outro**

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escrítorio e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

SALVADOR BARATA, L. DA
RUA DAS GRIVOTAS N.º 19-8 a 13-8
TELEFONE T. 546 LISBOA
Fabricantes dos Alvaiares marca «GAIVOTA» e únicos depositários do

«PÓ RODRIGUES»

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A VENDA em todas as DRUGARIAS, MERCEARIAS e lojas de FERRAGENS

EDIÇÕES DE “A SEMEANTEIRA”

Práticas neo-mauistianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$40

A peste religiosa..... \$50

A Liberdade..... \$30

Pedidos à A BATALHA

ou no Caixa do Sodré, 88

EDIÇÕES DE SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença Portuguesa», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

LIVROS EM ESPANHOL

A' venda na administração de A BATALHA

MI COMUNISMO, Sebastião Faure 10\$00

LA REVOLUCION SOCIAL em França, Miguel Bakunin (2 volumes) 20\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri 25\$00

A BATALHA

ATRAVEZ DE ÁFRICA

O movimento associativo e operário em Angola

Causas que influem na ausência de organização — Um pouco de história sobre movimentos e lutas locais — As condições do trabalho indígena e do trabalho europeu — Algumas reclamações importantes — A obra útil que pensa realizar o novo Sindicato Misto dos Operários de Loanda

Em Loanda, como em outras capitais da costa ocidental da África, não existe organização operária; e o movimento associativo limita-se a clubes desportivos, sociedades recreativas e algumas associações de beneficência ou mutualismo de limitada ação, quase sempre de empregados no comércio.

Mas não existirão interesses operários, de caráter associativo, a defender?

Existem e bastantes, não só de classes operárias, como do funcionalismo que conta alguns milhares de indivíduos. E essa falta de meio associativo faz-se sentir, algumas vezes, em soluções que respeitam aos seus interesses, visto que na opinião pública não pessa sua força organizada, nem a sua voz é escutada, devidamente, por falta dos respectivos organismos.

Parce que é difícil criar-se e manter-se esse espírito associativo. A vida é dispersiva, separando os indivíduos por grandes distâncias; o clima exerce formidável pressão, forçando os corpos ao repouso e inactividade, de modo que as horas que sobram da fadiga são para algumas raras distrações. Depois, a luta pela vida, a preocupação de juntar uma pequena fortuna compensadora do sacrifício de vir até à África, geram um egoísmo muito individual em que os idealismos revolucionários bastam amortecer. Além destas causas, não existe, aqui, nem vem de fora, imprensa revolucionária; nem há ambiente para propagandas, ao menos dos princípios associativos; faltam as conferências e as bibliotecas instrutivas; e em matéria de instrução, para toda a vastíssima África, há apenas 67 escolas a funcionar, com 87 professores oficiais, regendo-se, ainda, por uma portaria de 1905, com escasso aproveitamento de 3.316 alunos—menos de um por mil com referência à população.

Todos estes dados explicam, sobejamente, a ausência do meio associativo e a indiferença pelas doutrinas político-sociais.

A única associação de trabalhadores que neste momento existe em Loanda, e que tem o prazer de visitar, é a dos empregados do comércio, bem instalada e já antiga, e presidida por Augusto Correia de Freitas,

homem inteligente e amigo da classe; mas esta associação, como já disse, limita-se à benemerência mútua, inteiramente afastada de qualquer caráter sindical.

* * *

Quis conhecer das tradições associativas e escutar algumas aspirações das classes operárias, e para isso me acerqueialguns elementos que me podessem informar. Quem me poi em contacto com estes elementos foi o meu amigo e patrício Fagundes de Almeida, compositor que aqui dirige uma oficina tipográfica, homem e profissional de muito caráter, que mantém as suas ideias libertárias com apurado e dignidade.

Por él vim a conhecer Firmino Faías, velho combatente anarquista, que para aqui veio degredado, há cerca de trinta anos,

por ataques ao clericalismo. Pareceu-me uma excelente pessoa, este velho anarquista que aqui é estimado, muito conhecido pela sua veia poética, pelo seu bom caráter e excelente humor, pela sua dedicação à causa dos trabalhadores. Também vi apresentado a Jorge de Sousa, pintor-decorador,

e por ele soube que, neste momento, está em organização o "Sindicato Misto dos Operários de Loanda", assunto que me interessou.

Antes, porém, de lhes falar no Sindicato em preparação, quer dar alguns informes, mais, sobre movimento operário desta região.

Há uma dúzia de anos poucos operários europeus existiam em Loanda, notando-se, apenas, além dos empregados no comércio, alguns metalúrgicos e conselheiros civis. Foi em 1918, já com mais operários aqui residentes, que se fundou o primeiro Sindicato Misto e a "Associação de Classe dos Ferroviários de Loanda", tendo caído ambos os organismos devido à falta de amor associativo e a algumas perseguições.

Também em 1918 se fundou a "Associação de Classe dos Funcionários Públicos", que foi dissolvida em 1921 por Norton de Matos, sendo desta última data a existência efêmera do único jornal de classe que aqui existiu, e se chamou *A Tribuna*, órgão do funcionalismo.

Nesta época 1918-1923—dizemos-nos diversos elementos—fez bastante fala uma resistência bem organizada pelas classes operárias, e só assim se poderia ter posto cônico à forma iníqua como foram interpretados diversos contratos com trabalhadores portugueses brancos, e opor diante a tanta despotismo, como esse das insuportáveis deportações.

Na história operária de Angola nada se registra acerca de movimentos revolucionários, a não ser algumas manifestações pelo 1.º de Maio, organizadas por Firmino Faías e outros camaradas, e as greves, de 1918, dos ferroviários de Loanda, e de 1920, do funcionalismo, ambas triunfantes.

Desta data para cá quase nada se tem feito, pelas razões apontadas no princípio deste artigo, agravadas pela crise geral que muito afeta as classes trabalhadoras.

Os principais centros que em Angola, no momento actual, poderiam interessar à organização, são: Loanda, Benguela, Lobito, Mossamedes, Lubango e Malange. As principais classes que se poderiam organizar: funcionários públicos, chauffeurs, metalúrgicos, construção civil e empregados do comércio e agricultura. Estes últimos são, talvez—segundo me informaram—dos maiores pagos, vivendo, por vezes, mal instalados em alguns pontos do interior; mas a sua dispersão contacto com o patrônio não lhes consente avaliar desses males, e alguns lá se vão deixando morrer, ignoradamente, no seródio.

* * *

Jorge de Sousa informou-me de que está em organização o novo "Sindicato Misto de Loanda", de que ele e outros camaradas

Realiza-se, amanhã, uma reunião de delegados de oficinas gráficas na sede da Federação do Livro e do Jornal

O secretariado da Federação do Livro e do Jornal dirigiu às classes gráficas o manifesto, convocatório dum reunião de delegados de oficinas gráficas, que passamos a reproduzir:

"O Congresso Gráfico, realizado em Setembro de 1925, discutiu e resolveu sobre todos os assuntos que de momento mais interessam à situação moral e económica das classes produtoras do livro, do jornal e outras que lhe são afins; e, como era natural, incumbiu a vossa Federação de executar essas resoluções. Mas da natureza dessas resoluções resulta que a sua exequibilidade depende da ação especial a exercer nas oficinas, motivo por que só vós, delegados diretos desses centros de trabalho, poderéis agir com probabilidade de êxito.

Uma das resoluções do Congresso foi a criação do Sindicato de Indústria Gráfica, importante modificação a operar na Organização Sindical e de que resultará melhor coordenação e aproveitamento das nossas energias; e é óbvio que a melhor maneira de pôr em prática essa resolução é conseguindo os seus futuros constituintes: os delegados de delegados.

Outras resoluções do Congresso, de grande vantagem moral e principalmente económica, são por exemplo, as que constam da tese «Manutenção e Ampliação das Regalias Conquistadas», onde, além de se prover ao sentido de manter os actuais salários, horário, etc., se fazem novas reclamações de há muito almejadas, como sejam o pagamento de domingos e feriados, o horário de 6 e 7,30 horas para certas especialidades de trabalho, a abolição do trabalho de empreitada, etc.; a tese «A Mulher e Menores na Indústria Gráfica» establece muitas e importantes reclamações a fazer ao patronato e da mulher tanto a vantagem de beneficiar conjuntamente a indústria, a organização, as classes profissionais e os seus componentes. Ora estas reclamações não se podem fazer isoladamente, porque a ação assim exercida seria morosa e talvez improposita; têm que fazer parte de uma Organização de Trabalho a impor nas casas-de-obra; e essa Organização de Trabalho tem de ser cuidadosamente estudada, estudo que só poderá ser proficuamente feito pelos directamente interessados e devidamente integrados no objectivo a realizar: os delegados das oficinas.

Pelo exposto, desnecessário se torna encarecer mais ou insistir nas vantagens de fazer reinar os delegados das oficinas com a maior brevidade; vós, certamente, estais convencidos dessa necessidade e dessa urgência.

E por assim o entender, a vossa Federação exorta todas as classes gráficas a nomearem um delegado permanente que deva assistir a todas as reuniões de delegados de oficinas e convoca a primeira dessas reuniões para o próximo dia 9, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Constituição da Comissão Organizadora do Sindicato de Indústria Gráfica, que se desdobrará em sub-comissões, a saber:

a) Comissão elaboradora do Regulamento do Sindicato de Indústria Gráfica.

b) Comissão de Relações Inter-sindicais.

c) Comissão de estatística.

2.º Constituição da Comissão elaboradora da Organização de Trabalho nas casas-de-obra.

3.º Vários assuntos.

As reuniões dos ferroviários da C.P.

Uma comissão dimanada do Sindicato Ferroviário da C.P. procurou ontento o presidente do ministério para lhe apresentar as reclamações que foram entregues à Companhia.

A comissão foi recebida pelo secretário do chefe do governo que prometeu transmitir as referidas reclamações do sr. Meneses Cabecadas, ficando aquela de lá voltar brevemente.

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

CONVOCAÇÃO

Fica convocada a Assemblea Geral da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs para o dia 22 de Junho, pelas 21 horas, na sede da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, rua da Madalena, 91, 2º

ORDEM DOS TRABALHOS

1.—Propostas da Direcção.

2.—Admissão de novos sócios conforme o disposto no artigo 7.º dos Estatutos.

3.—Propostas pendentes da última Assembleia.

4.—Aquisição de garagem.

Lisboa, 3 de Junho de 1926.—Pela Mesa da Assemblea Geral.—O Presidente, João Cardoso da Silva Araújo.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Com o presidente da Junta Autónoma das Obras da Maternidade conferiu ontem um membro da comissão administrativa do Sindicato da Construção Civil de Lisboa a verba para o prosseguimento das referidas obras. Do resultado dessa conferência tomará conhecimento o conselho de secções na próxima reunião.

De modo que as ideias avançadas, as vantagens da organização dos trabalhadores, são tudo coisas muito delicadas, muito problemáticas aqui em África, e só podem encontrar eco nalguns europeus, nativos ou indígenas civilizados—isto sempre cautelosamente.

Todavia, aos orientadores e dirigentes das massas trabalhadoras da Metrópole não pode continuar a passar desaparecido todo o problema que se relaciona com trabalho e produção colonial. E não só pelo que interessa a Portugal como nas suas várias relações com todo o mundo.

Na sociedade futura terá uma importân-

cia enorme—sobre tudo uma importância económica—a utilização da produção do solo africano.

Impõe-se um estudo sério sobre este ponto de vista. Não um estudo romântico, com frases feitas e ideias preconcebidas; mas baseado em estatísticas, em experiências e reconhecimentos científicos, na capacidade, costumes e psicologia da população.

E fica para outra vez o tanto que, neste capítulo, há para dizer.

Juliano QUINTINHA

A BATALHA inicia amanhã a publicação de uma série de artigos sobre o Sanatório Carlos Vasconcelos Pórtio

A ação despótica, nefasta e esbanjadora de Azevedo Coutinho, o perseguidor dos ferroviários

LOURENÇO MARQUES, MAIO.—Focamos, em artigo anterior, a ação dissidente e tirânica desenvolvida pelo Alto Comissário Azevedo Coutinho, na província de Moçambique, embora de um modo fugido incompleto; e dizemos de um modo "fugido e incompleto", porque além de termos feito uma síntese rápida aos seus torvos actos, nem sequer aludimos ao monstruoso vagão-fantasma em que foram martirizados, durante meses seguidos, sob a ação terrível do sol escaldante e de chuvas torrenciais, ferroviários indefesos; nem fizemos a mais leve referência a maus tratos sofridos pelos presos, quando é certo que estes maus tratos, segundo correspondências já publicadas, provenientes de Lourenço Marques, chegaram à tortura de se fazerem estar homens, de pé, sem dormir nem descansar, durante 70 horas seguidas, para se lhes arrancarem confissões falsas de actos que não praticaram. Também na Batalha não descrevemos no último artigo, nem os assaltos levados a efecto pela polícia, a casas particulares e bairros inteiros, nem a agressão de soldados pretos a brancos portugueses e ingleses, nem as cargas de cavalaria dadas na cidade com o atropelamento de mulheres e crianças, nem finalmente, o assalto à "Casa dos Trabalhadores" e as oficinas de "O Emancipador", com a instalação de soldados negros no edifício que custou anos de ceanuras e infindos sacrifícios aos operários de Lourenço Marques.

Evoquem-se os quadros terríveis da inquisição e não se encontrará nela exemplo de maiores brutalidades, de sentimentos mais tigrinos. Os ferroviários não foram tratados como homens — foram acossados como feras; a população de Moçambique não foi atendida com justiça e com respeito — foi desprezada e maltratada como um rebanho ou como uma matilha.

É tempo, porém, de entrarmos nos assuntos de administração, e ainda nesse ponto vamos reportar-nos ao manifesto de 19 de fevereiro, firmado pelos "Ferroviários de Lourenço Marques deportados em 19 de dezembro para Lisboa, por se registarem nele rebuços ou como uma matilha".

É tempo, portanto, de analisarmos as existências de cobrança do imposto de patolha, nem os fundos permanentes das unidades militares, chefes e diretores de serviço, e, para captar as boas graças das mesmas companhias e uma moção dum tal Bebiano Baeza, anulou, em Abril, o disposto na portaria 233 de 1922.

Os indígenas de Alem Zambezé receberam o salário de \$50, o que se não é escravatura, representa uma exploração infame.

—Proibiu o Instituto das Missões Coloniais de mandar missionários para Moçambique, e distribuiu a verba para missões de modo que as missões religiosas ficaram com doações mais de 10 vezes superiores às da laicas.

—Tendo levado o Conselho Legislativo em Agosto, a aprovar um diploma que obrigava as companhias do norte a depositar 50 % do valor fiscal (cambiais) das suas exportações, nunca publicou esse diploma e, para captar as boas graças das mesmas companhias e uma moção dum tal Bebiano Baeza, anulou, em Abril, o disposto na portaria 233 de 1922.

—Os indígenas de Alem Zambezé receberam o salário de \$50, o que se não é escravatura, representa uma exploração infame.

—Azevedo Coutinho substituiu-se aos tribunais, saltando por cima da Carta Orgânica, expulsando e deportando homens, sem qualquer forma de processo; por outro lado, e vendo que nem o próprio ministro podia concordar com semelhante arbitrariedade, publicou uma portaria, permitindo-se o direito de expulsar portugueses, ouvidos o Conselho Executivo.

—Foi assim posta a mesa ao alto conselheiro, representante, a realizar reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa para comentar que se reúne brevemente.

Manipuladores de Pão.—Reuniu esta classe, em assembleia magna, com grande importância e das reclamações que já apresentou aos industriais e vai apresentar às autoridades, visto os mesmos estarem baixando os salários quando a carestia da vida se está agravando e os seus lucros são cada vez mais fabulosos.

Para tratar d'este e outros assuntos e das "demarchés" a realizar reunião hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa e de melhoramentos.

E' preciso que ninguém fale visto que o assunto é de importância.

Esta reunião realiza-se na nova sede, calada Castelo Branco Sarava, 42, 1º.

Vida Sindical C. G. T.

Secção de Federações

Reuniu-se na próxima quinta-feira, 10 de Maio, a comissão nomeada no passado dia 20 de Maio, a fim de apresentar o seu trabalho sobre a crise de trabalho e reclamações a apresentar ao actual governo.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Metalúrgico. — Secção do Poco Bispo.—Reuniu-se a comissão administrativa, que tomou as seguintes resoluções:

facilitar a passagem de 30 bilhetes para a festa de solidariedade a Lício dos Santos; nomear dois delegados à sessão do Poco Bispo; nomear delegado à comissão executiva do aniversário do Sindicato dos Tadeiros e facilitar a passagem de 5 bilhetes para a festa de solidariedade a Lício dos Santos; nomear dois delegados à sessão do Poco Bispo.

—Reformou a contabilidade pública, lançando as contas de Moçambique num caos pavoroso, num pandemónio incalculável, quando as Bases Organicas para a Administração Financeira das Colônias proíbem os altos comissários de legislar sobre tal assunto.

—Proibiu o Instituto das Missões Coloniais de mandar missionários para Moçambique, e distribuiu a verba para missões de modo que as missões religiosas ficaram com doações mais de 10 vezes superiores às da laicas.

—Tendo levado o Conselho Legislativo em Agosto, a aprovar um diploma que obrigava as companhias do norte a depositar 50 % do valor fiscal (cambialis) das suas exportações, nunca publicou esse diploma e, para captar as boas graças das mesmas companhias e uma moção dum tal Bebiano Baeza, anulou, em Abril, o disposto na portaria 233 de 1922.

—Os indígenas de Alem Zambezé receberam o salário de \$50, o que se não é escravatura, representa uma exploração infame.

—Azevedo